

Marina Azem

*As Agruras
dos Trópicos*

**a arte de curar em
Mato Grosso no
século XVIII**

 **entrelinhas**

Cuiabá, 2009

© Marina Azem, 2009.

Editora Maria Teresa Carrión Carracedo
Produção Gráfica Ricardo Miguel Carrión Carracedo
Design Gráfico Helton Bastos
Diagramação Ronaldo Guarim Taques
Revisão Gramatical e Textual Henriette Marcey Zanini
Capa Composição com gravura de
Linneu, de Vandelli e desenhos
da Viagem Filosófica de
Alexandre Rodrigues Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Azem, Marina

As agruras dos trópicos : a arte de curar em
Mato Grosso no século XVIII / Marina Azem. --
Cuiabá, MT : Entrelinhas, 2009.

Bibliografia.

ISBN 978-85-87226-85-3

1. Cura 2. Doenças 3. Ferreira, Alexandre
Rodrigues, 1756-1815 – Viagens – Brasil
4. Mato Grosso – História 5. Medicina – Aspectos
socioculturais 6. Medicina natural 7. Terapêutica
I. Título.

09-01308

CDD-615.5

NLM-WB 300

Índices para catálogo sistemático:

1. Mato Grosso : História : Arte de Curar :
Terapêuticas : Ciências médicas 615.5

 **entrelinhas**

Av. Senador Metello, 3.773 | Jardim Cuiabá | Cuiabá-MT | CEP 78.030-005
Telefax: 65 3052 8711 | 3624 8711
editora@entrelinhaseditora.com.br | www.entrelinhaseditora.com.br

Para Lucy Ann Brown Azem,
minha mãe, uma mulher de vanguarda.

Agradecimentos

Tive a sorte de estar acompanhada de pessoas especiais na trajetória que resultou nessa dissertação. Gostaria de agradecer a cada uma delas.

A Anis Azem, meu pai, que me ensinou tudo o que sabia sobre a arte de curar. Por seu exemplo de ética, respeito e cuidado com os pacientes, com os colegas médicos e todos com quem conviveu. Por eu ter podido compartilhar sua vida e sabedoria.

A Luiz Vicente, meu mestre na arte de conhecer a natureza, sensibilizando, diversificando e ampliando meu olhar. Sou grata por sua presença. Por sua disposição para ler e rever meus escritos e pelas fotos que ilustram o texto.

A Luiza e Fábio, meus filhos, pelo apoio e incentivo. Pela paciência que tiveram em aceitar a minha ausência, acreditando que a dissertação “um dia ia acabar”. Por me ajudarem nas dificuldades com o computador e com a impressora!

A Prof^ª. Dr^ª. Maria Fátima Roberto Machado, minha amiga, pelo privilégio de tê-la como orientadora. Sem sua ajuda teria sido impossível finalizar este texto. Agradeço a sua atenção, dedicação e estímulo durante toda a pesquisa e redação.

Ao Prof. Dr. João Pacheco de Oliveira, por compor a banca examinadora na defesa de minha dissertação.

A Prof^ª. Dr^ª. Maria Inês Barbosa, minha primeira orientadora, por ter me aceito no Programa de Pós-Graduação do Departamento de Saúde Coletiva da Universidade Federal de Mato Grosso.

A Prof^ª. Dr^ª. Ângela Domingues, que gentilmente me enviou de Portugal uma série de artigos sobre Alexandre Rodrigues Ferreira e a Amazônia no século XVIII.

A Prof^ª. Dr^ª. Cláudia Callil, minha amiga, que me socorreu na fase final do trabalho, me ensinando a elaborar os *slides* da apresentação da defesa.

A minha amiga Maria Teresa Carracedo, pelo incentivo e empenho para a publicação deste trabalho.

Aos professores do Departamento de Saúde Coletiva da Universidade Federal de Mato Grosso, por compartilharem seus conhecimentos. Aos colegas de turma, pela amizade, e aos funcionários do Departamento pela gentileza que sempre demonstraram na resolução dos problemas burocráticos e práticos no decorrer do curso.

Marina Azem é uma médica, dedicada à saúde pública, apaixonada pela antropologia, pela história e pela natureza do nosso país. O que mais podemos dizer nesta apresentação do seu trabalho de pós-graduação, produzido em 2006 e publicado agora pela Entrelinhas? De excelente formação pessoal, pai e mãe médicos, com os quais aprendeu desde cedo a cuidar da vida, ela consegue ainda emocionar os que partilham a sua amizade com um dom que herdou também de seu pai, a criação de belas pinturas, delicadas aquarelas das paisagens que seu olhar captura desde a porta da fazenda que é hoje quase o seu lar, no Pantanal de Poconé, acolhida há anos por um outro ser igualmente especial, o etnoecólogo Luiz Vicente Campos, cuja amizade eu trato de também cultivar, desde que nos encontramos, os três, a propósito de suas iniciações nos programas de pós-graduação da UFMT. Foi na companhia de Luiz Vicente que ela viajou em 2001 para Portugal, em busca de arquivos, bibliotecas e entrevistas para compor o seu acervo de pesquisa, que ainda hoje exploramos juntos e que ainda nos renderá muitos bons frutos.

Se conto isso ao leitor, à leitora, é porque sua dissertação de mestrado é o resultado sensível de todo esse fluir, que foi compondo de modo inovador o seu objeto de interesse acadêmico, construído com a competência e a sensibilidade que todo orientador deseja alimentar. Com o estímulo da antropologia, o encontro de Marina Azem com registros históricos que permaneceram até hoje quase como um patrimônio de historiadores, contidos nas coleções iconográficas e nos relatos do brasileiro de formação portuguesa, Alexandre Rodrigues Ferreira - produzidos no final do século XVIII, em sua famosa viagem de exploração que atingiu as antigas minas de Mato Grosso -, resultou em uma

Apresentação

experiência intelectual que foi muito além do que geralmente é cultivado por pesquisadores conservadores, que não superam os limites cronológicos dos dados “exóticos” ali contidos. As memórias de Alexandre Rodrigues Ferreira são uma fonte inesgotável de informações para pensar uma multiplicidade de temas, explorados pelo seu olhar apurado sobre a natureza, a cultura e a sociedade nos lugares mais distantes da antiga colônia.

De modo denso, com sua narração viva, produzindo em nós um efeito de encantamento pela maneira como se envolve com o tema, pelo prazer da investigação e da escrita – como chamou a atenção um dos membros da sua banca de avaliação, o antropólogo do Museu Nacional Prof. Dr. João Pacheco de Oliveira –, Marina Azem nos conduz ao cenário europeu, amazônico e mato-grossense da formação intelectual e da experiência etnográfica do naturalista viajante para investir na sua contribuição maior como médica: a abordagem dos registros de Alexandre Rodrigues Ferreira sobre as enfermidades endêmicas e os procedimentos terapêuticos com os quais ele se deparou na antiga capitania de Mato Grosso, entre os anos de 1789 e 1792. Com seu estudo, ela conquista um lugar de destaque na pesquisa histórica sobre as práticas médicas em território mato-grossense, incluindo a utilização da flora nativa, o que consolida a sua posição relevante.

O Programa de Mestrado em Saúde Coletiva da UFMT, através da linha de pesquisa Saúde e Diversidade Sociocultural, merece o reconhecimento por esta produção acadêmica, pela qualidade da sua contribuição efetiva, ao qual agradeço, na pessoa do Prof. Dr. João Scatena, honrada pelo convite para a sua orientação.

Prof.^ª Dr.^ª Maria Fátima Roberto Machado

DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA DA UFMT

As viagens de exploração





FIGURA 1 – RIO MADEIRA,
ESPÓLIO DE ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA.
ACERVO: MUSEU BOCAGE.

As viagens de exploração realizadas no século XVIII inauguraram uma era de descobertas do interior das regiões conquistadas. A internalização tornou-se uma meta para manter a ocupação. Inicialmente, as expedições dedicavam-se ao conhecimento dos contornos dos continentes, rotas marítimas e ligações entre os oceanos. Já nos setecentos partiram para o domínio e controle sobre recursos naturais localizados no interior dos territórios. Os viajantes naturalistas tiveram participação nesse processo. Viam “com seus próprios olhos” e buscavam através de seus relatos dar conta das sensações, impressões e descobertas. Produziram textos descritivos sobre diferentes áreas do conhecimento, utilizando o desenho e a pintura para melhor elucidação dos achados.

Alexandre Rodrigues Ferreira foi o viajante naturalista responsável pela *Viagem Filosófica às Capitânicas do Grão-Pará, Rio Negro e Minas do Cuiabá*, percorrendo a região setentrional do Brasil entre 1783 e 1792. No decorrer da expedição, entre outros manuscritos, escreveu uma monografia sobre *As Enfermidades Endêmicas da Capitania de Mato Grosso*. Relatou como os portugueses que aqui desembarcaram, ao se depararem com enfermidades desconhecidas na Europa, criaram táticas para enfrentar as dificuldades impostas, relativizando seus conhecimentos da arte de curar, em decorrência do contato com os nativos da região.

Este trabalho revela os agravos que acometiam a população da Capitania de Mato Grosso na visão de Alexandre Rodrigues Ferreira, evidenciados na sua monografia *Enfermidades Endêmicas de Mato Grosso*, destacando as práticas de cura preconizadas pelos europeus e pelos nativos, que ele denominava de americanos. Mesmo não sendo médico, sua visão de sanitarista, patologia e patogênia, merece consideração. Seus relatos foram utilizados pelos que depois viajaram pela região. Muito ainda se tem para estudar a partir de suas observações, descrições, práticas terapêuticas e mescla de saberes.

Para uma melhor compreensão do desempenho da Viagem Filosófica ao Brasil e da figura do viajante naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira, comandante da expedição e que atuou em diferentes áreas do conhecimento, dentre elas o da arte de curar, realizei uma contextualização histórica do Iluminismo

em Portugal, das práticas terapêuticas dos Setecentos, dos profissionais que as praticavam e como eram empregadas em Portugal e no Brasil no século XVIII.

Alexandre Rodrigues Ferreira pode ser considerado um homem de vanguarda para a época, em várias áreas do conhecimento. Foi dos primeiros a adentrar o continente americano em uma época em que as expedições pouco exploravam o interior brasileiro. À medida que o naturalista avançava pelos sertões enviava regularmente para Lisboa grande quantidade de material coletado de fauna, flora, minerais e produtos da cultura dos locais, para ser arquivado e posteriormente analisado na metrópole. Foi um cientista fruto do Iluminismo em Portugal, trabalhando sem questionar para servir ao Estado.

A *Viagem Filosófica às Capitânicas do Grão-Pará, Rio Negro e Minas do Cuiabá* produziu uma iconografia considerada legado inestimável. O vasto material produzido durante a expedição de Alexandre Rodrigues Ferreira não recebeu o justo reconhecimento na época. Algumas das ilustrações contidas no texto a seguir fazem parte do espólio da Viagem Filosófica e são do acervo do Museu Bocage, de Lisboa, e da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. As coleções da Biblioteca Pública Municipal do Porto e da Casa da Ínsua em Portugal, mesmo não apresentando nas pranchas a assinatura dos desenhistas riscadores que acompanhavam Ferreira, são atribuídas por alguns autores, à expedição.

A diversidade étnica das populações residentes no Brasil colônia, mais do que a falta de profissionais habilitados na arte de curar, foi crucial para a persistência de práticas plurais de cura nos trópicos. Esses saberes provinham do uso secular de curandeiros e pajés, conhecedores das matas e das plantas, cujas utilizações foram assimiladas pelos portugueses, incrementando a farmacopeia europeia.

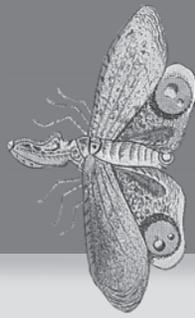
O século XVIII foi um período peculiar para a medicina. Embora ocorressem importantes transformações na arte de curar, persistiram reminiscências de saberes e práticas mágicas e religiosas, tanto originárias do universo europeu quanto dos povos que habitavam as colônias.

Atualmente os conhecimentos sobre saúde resultantes de diálogos entre os campos da Medicina e da Antropologia no meio acadêmico brasileiro têm despertado interesse em profissionais das áreas, sendo reconhecidos em várias instituições de ensino e pesquisa. A compreensão das crenças, valores e práticas terapêuticas contribuem para a discussão sobre questões socioantropológicas da “arte de curar”.

O estudo da medicina reconhecida como oficial e dos demais procedimentos de cura, consolidados ou não, podem levar a relativizar as dicotomias oficial/

popular, sagrado/profano, lógico/ilógico, presentes nas análises que dão superioridade à medicina acadêmica. O esclarecimento de contextos sociohistóricos propicia entender que a medicina racionalista e a considerada não científica podem coexistir. Foi valorizando o diálogo entre diferentes visões de saúde e cura que a linha de pesquisa “Saúde e diversidade sociocultural”, do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal de Mato Grosso, proporcionou a oportunidade de desenvolver esta dissertação de mestrado.

O campo da saúde, devido à natureza de seu objeto, da sinergia entre processos objetivos e subjetivos, apresenta múltiplas possibilidades de abordagens teóricas, constituindo um cenário complexo. A existência de vários sistemas médicos e terapêuticos de origens diversas, tais como os tradicionais, naturalistas, religiosos, ou fundados em outras medicinas e cosmologias, alguns deles trabalhando em conjunto com a medicina acadêmica, em decorrência da demanda exigida por uma clientela, faz com que seja necessário o ensino de ciências sociais para os cursos de graduação médica.



<i>Introdução</i>	21
Olhando por sobre os ombros _____	29
<i>Capítulo 1</i>	
DESVENDANDO O MUNDO	37
Portugueses “iluminados” _____	46
Desbravar, observar, classificar e dominar _____	61
<i>Terra brasilis</i> _____	63
Mato Grosso Português _____	77
<i>Capítulo 2</i>	
À ARTE DOS SETECENTOS: EXÓTICA E INFORMATIVA	87
Debuchos e aguadas _____	98
Os desenhistas riscadores _____	103
<i>Capítulo 3</i>	
CIÊNCIA E MAGIA ANDAM DE MÃOS DADAS NOS SETECENTOS	115
Sangrar, purgar, escarificar _____	132

Sumário

Capítulo 4

A ARTE DE CURAR NA CAPITANIA DE MATO GROSSO

145

Águas, ares e lugares _____ 154

A matéria médica _____ 157

Calor, fastio e lassidão _____ 161

Tremores, ardores e suores _____ 172

Opressão, inflamação e obstrução _____ 182

Conclusão

195

Índice das gravuras

201

Referências

213



Introdução





FIGURA 2 – JARDIM BOTÂNICO DA AJUDA/LISBOA, LOCAL DE TRABALHO
DE ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA. FOTO DE ACERVO PESSOAL.

Alexandre Rodrigues Ferreira, no decorrer da Viagem Filosófica pelo Rio Negro e Mato Grosso, produziu um diário com descrições sobre os espaços geográficos de ocupação, tráfego e estratégia militar, recursos econômicos e naturais, populações e aglomerações humanas, elementos de paisagem, condições de salubridade das localidades onde passou e enfermidades que acometiam os índios, os negros e os componentes da expedição.

Era um jovem de 27 anos comandando uma expedição que percorreu, por quase dez anos, regiões da Amazônia e de Mato Grosso durante o século XVIII. Enfrentou dificuldades como a falta de remeiros para os barcos, provisões escassas, surtos de epidemias, falta de medicamentos e a ausência de profissionais qualificados para aplicá-los, percorrendo um território inóspito e inexplorado, com solidão e falta de conforto.

Enfrentando todas as dificuldades do trabalho de campo, Ferreira tinha um olhar treinado para a identificação de novos recursos materiais de interesse econômico para a Coroa portuguesa e, mesmo não sendo médico, conseguiu salientar aspectos de insalubridade nos locais por onde passava e teve a sensibilidade de escrever uma monografia sobre enfermidades em Mato Grosso, que foi utilizada como referência por outros que vieram à região amazônica depois dele. Enquanto estudante, Ferreira possivelmente recebeu ensinamentos da arte de curar, uma vez que foi aluno de Domingos Vandelli, médico e naturalista responsável pelo treinamento dos alunos de história natural da Universidade de Coimbra, sendo que a sua percepção das patologias era bastante apurada. Seu olhar sobre saúde ultrapassava os limites da doença, enxergando que esta se relacionava com o meio ambiente e que sofria influência de fatores emocionais e constitucionais. No seu diário cita que leu os tratados clássicos da época, dentre eles o *De Medicina Brasiliense*, escrito por Guilherme Pison em 1644.

Ferreira observou ainda outros parâmetros da vida na época, chamando atenção para o extrativismo de determinadas plantas, muito requisitadas pela Metrópole, sem um manejo adequado, assinalando para uma carência futura; o tipo de alimentação consumido na Colônia, propondo o consumo de produtos locais, e alertando quanto à falta de cuidado com as margens dos rios, que se

apresentavam poluídas nas cidades. Sugeriu o plantio de sementes da terra para suprir as populações; descreveu costumes e formas de economia das etnias que encontrou, e realizou um censo nas diversas localidades.

Sob o seu comando também viajaram dois desenhistas, José Joaquim Freire e Joaquim José Codina, e um jardineiro botânico, Agostinho Joaquim do Cabo.



FIGURA 3 – URUCUM. ACERVO PERTENCENTE À CASA DA ÍNSUA.

Os riscadores receberam a tarefa de registrar toda a fauna e flora encontradas, bem como os acidentes geográficos de interesse estratégico militar e as atividades econômicas da região. Na coleção que produziram também se encontram desenhos da população local e seus costumes. O jardineiro devia coletar, preparar e embalar as plantas para serem enviadas a Portugal. Todas estas atividades sob a supervisão do jovem Alexandre Rodrigues Ferreira.

Os desenhos produzidos durante a expedição chamam a atenção por seu conjunto, principalmente os registros de flora, ricos em detalhes e perfeição. Algumas ilustrações de pássaros são bastante fiéis; outras se apresentavam de maneira precária, em virtude da falta de proporção na anatomia, cor e postura, que não condizem com a realidade, o mesmo acontecendo com alguns mamíferos. Dentre as aves se destacava a gravura da Cigana (*Opisthocomus hoazin*), ave da região amazônica. A coleção das *aguadas* é acompanhada de duas pranchas índices, provavelmente escritas por Ferreira, que identificam os desenhos e por vezes tecem algum comentário sobre a utilização da fauna e



FIGURA 4 – CIGANA. ACERVO: CASA DA ÍNSUA.

da flora para a alimentação. Em outras ocasiões destaca alguma curiosidade sobre a planta ou animal desenhado, como no caso do Arancuã, que descrevia ser uma ave que, ao vocalizar, parecia dizer “*prá casar*”, e era respondida por outra “*pro natal*”, dizeres que ainda hoje são reproduzidos pelos pantaneiros.

As gravuras eram riscadas a lápis e as linhas cobertas por tinta negra, provavelmente utilizando bico de pena. Para colorir lançavam mão da aquarela ou, como as chamavam, *aguadas*. Observando-se os detalhes dos desenhos tem-se a impressão que foram executados por mais de uma pessoa, pela diferença nos traçados, detalhes no acabamento e intensidade no uso do pincel. Como menciona Miguel de Faria em seu livro *A imagem útil*, vários integrantes da expedição exercitavam a arte do desenho “*debaixo da Inspeção do Riscador que os acompanhar*” (Faria, 2001, p. 166). A autoria da coleção da Casa da Ínsua é questionada, sendo atribuída, por alguns autores, aos riscadores da Viagem Filosófica, mesmo não apresentando nas pranchas a assinatura dos desenhistas. Reforçando essa suposição encontra-se, dentre as *aguadas*, o desenho do Galo-da-Serra (*Rupicula rupicula*), ave encontrada somente ao norte do rio Amazonas, na região do rio Negro. Sabe-se que, por ocasião da expedição de Ferreira (1783-1792), uma segunda Comissão de Demarcação de Fronteiras (1784) partiu de Belém em direção ao rio Negro, tendo como desenhador de mapas o arquiteto Antônio José Landi. Nos relatos de viagem, Ferreira escreveu ter contactado Landi em Barcelos, e o citou “pela sua capacidade de arquiteto e pintor de quadratura, incluindo duas descrições manuscritas de Landi nos seus relatos, uma sobre a subida ao rio Marié, outra contendo memórias da sua permanência no interior” (Magalhães, 1999, p. 72). Não existem relatos de outros desenhistas riscadores que tenham estado na região no período, a não ser Codina e Freire, integrantes da expedição de Ferreira.

Na Biblioteca Pública Municipal do Porto encontram-se guardados dois códices relacionados à história natural da Amazônia, ambos provenientes da Livraria do 2º Visconde de Balsemão: o Códice 542, um manuscrito em italiano de autoria de Antônio José Landi (1713-1791), por ele oferecido a Luís Pinto de Sousa Coutinho, Governador da Capitania de Mato Grosso de 1767 a 1772, e o Códice 1200, uma coleção anônima de desenhos aquarelados de animais e plantas, com legendas em português (Mendonça, 2000, p. 7). A autoria desses desenhos foi atribuída a Landi com base na alegada identidade da grafia das legendas. Isa Adonias referiu-se ao manuscrito e aos desenhos como um único códice, vendo no segundo uma mera ilustração do texto manuscrito (Adonias, 1986, p. 36-37). A atribuição dos desenhos a Landi parece não ter fundamento.

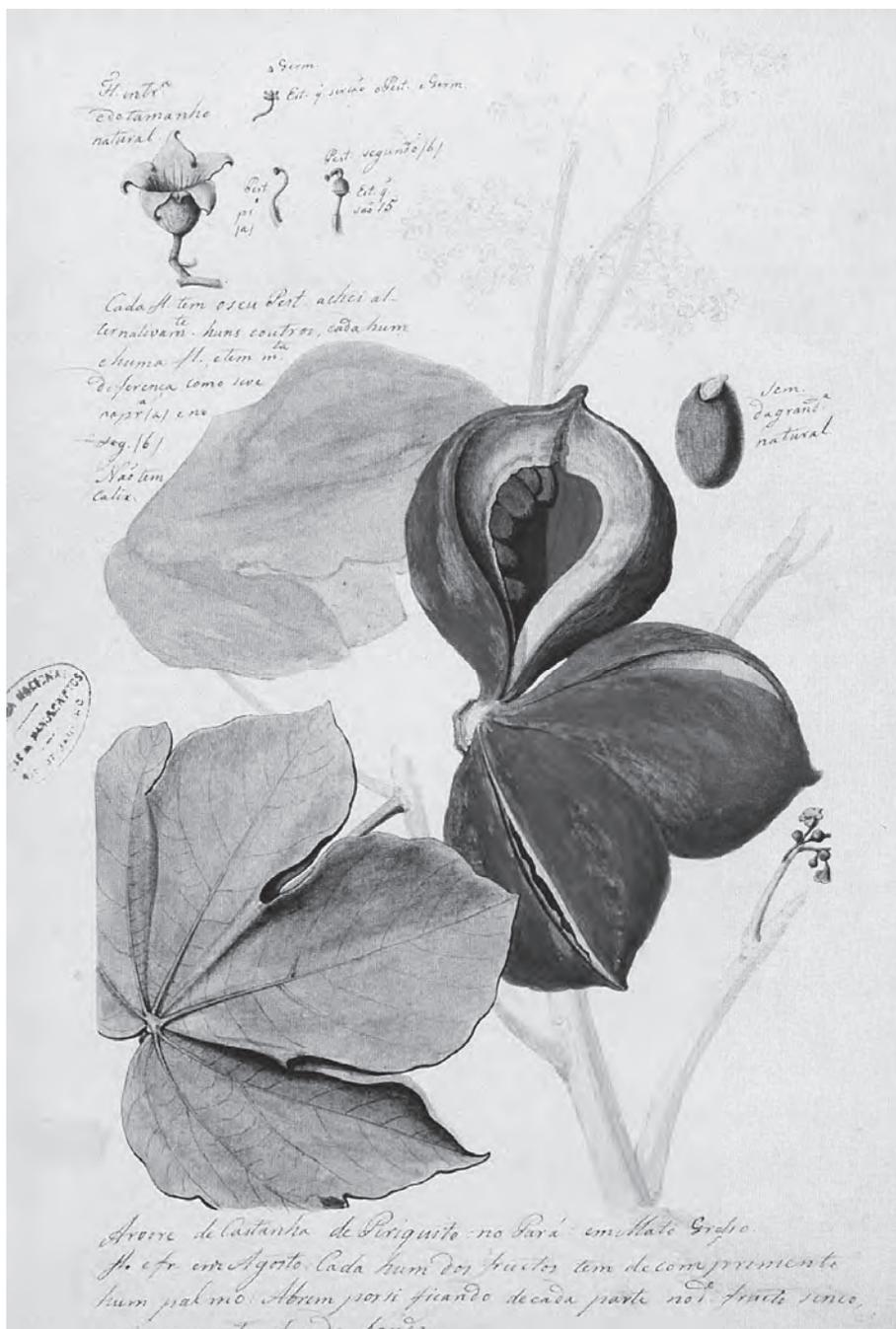


FIGURA 5 – MANDUVI. ESPÓLIO DE FERREIRA. ACERVO: BIBLIOTECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO.